

## A Escola de Psicologia Social Comunitária da Universidade de São Paulo (1970-2020)

### The Community Social-Psychology School at the University of São Paulo (1970-2020)

**José Fernando Andrade Costa**

 <https://orcid.org/0000-0002-5677-0093>

Universidade Estadual de Feira de Santana  
Brasil

#### Resumo

Revisitamos a história da Psicologia Social Comunitária (PSC) no Brasil e analisamos a ausência de menções aos trabalhos produzidos pela Universidade de São Paulo (USP). Partindo da pesquisa histórica com fontes bibliográficas, buscamos responder à seguinte pergunta: qual a contribuição da USP para o campo da PSC brasileira? Os resultados mostraram que existe o desenvolvimento de uma "escola uspiana", no Campus do Butantã, desde a década de 1970. Identificamos três períodos, ou gerações de pesquisadoras(es) (1970-1990, 1990-2010 e 2010-atual), e apontamos conceitos próprios ou desenvolvidos por essa tradição, tais como: comunidade de destino, enraizamento, humilhação social, cenas sociais e vulnerabilidades pessoal, social e programática. Concluímos que a escola uspiana vem se consolidando no campo da PSC e, devido sua longa tradição, tem oferecido contribuições significativas para a disciplina, ainda que pouco notada pela literatura disponível.

**Palavras-chaves:** psicologia social; psicologia comunitária; Universidade de São Paulo (USP); história da psicologia; revisão de literatura.

#### Abstract

In this paper we revisited the history of Community Social Psychology (PSC) in Brazil and analyzed the absence of mention of the works produced by the University of São Paulo (USP). Based on historical research with bibliographic sources, we seek to answer the following question: what is USP's contribution to the Brazilian PSC field? The results showed that there is the development of a "uspian school", developed at the Butantã Campus, since the 1970s. We identified three periods, or generations of researchers (1970-1990, 1990-2010, 2010-present), and pointed out some specific concepts elaborated by this tradition, such as: community of fate, rootedness, social humiliation, social scenes and personal, social and programmatic vulnerabilities. We conclude that the "uspian school", despite less noticed by current literature, has been consolidating itself in the field of PSC and, due to its long tradition, it has offered significant contributions to the discipline.

**Keywords:** social psychology; community psychology; University of São Paulo (USP); history of psychology; literature review.

É surpreendente constatar na vasta literatura disponível sobre a história da Psicologia Social Comunitária (PSC) no Brasil (Lane, 1996; Freitas, 1996, 2011; Arendt, 1997; Gois, 2003; Lacerda Jr., 2010, Gonçalves & Portugal, 2016; Svartman & Galeão-Silva, 2016; Baima, 2015; 2019) que praticamente não há qualquer menção à Universidade de São Paulo (USP) nesse campo. Isso poderia levar à crença de que simplesmente não existe contribuição da USP para essa disciplina ou que tal contribuição seria quase irrelevante. Mas é difícil aceitar tal ideia quando se sabe que docentes da USP estiveram na fundação da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO) – entidade fundamental para o desenvolvimento da PSC brasileira –, e que Rosalina Carvalho da Silva, da USP de Ribeirão Preto, foi membro e coordenadora do Grupo de Trabalho de Psicologia Comunitária da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (GT-PC-ANPEPP). Sabemos, ainda, que desde 2011, o curso de graduação do Instituto de Psicologia (IP-USP) conta uma disciplina regular intitulada “Psicologia Social Comunitária” e que há diversas disciplinas nos Programas de Pós-Graduação que tratam de pesquisas e práticas psicossociais em comunidades. Além disso, muitas produções realizadas por docentes e discentes uspianos no âmbito comunitário que atestam a tradição dessa instituição no campo da PSC<sup>1</sup>.

O presente artigo resulta de uma pesquisa bibliográfica e apresenta uma revisão narrativa na qual buscamos responder à seguinte pergunta: quais as contribuições da USP para a PSC brasileira? De partida, consideramos que o ofício historiográfico não pode ser resumido à coleta e registro dos textos disponíveis em uma dada coleção, mas exige ir além do dado imediato para encontrar as determinações concretas do objeto analisado. Isso significa que se tivéssemos realizado apenas um levantamento de títulos e resumos de publicações de um determinado periódico, provavelmente encontraríamos poucos materiais interessantes para nossos fins. Mas, ao contrário, se começarmos por reconstruir analiticamente a história da psicologia social na USP, a partir do trabalho de seus/suas docentes e discentes no que se refere à atuação psicossocial em/com comunidades, então encontraremos resultados suficientes para narrar com segurança a existência e o desenvolvimento de uma tradição uspiana de PSC.

Metodologicamente, delimitamos nossa análise ao Departamento de Psicologia Social e do Trabalho (PST). Realizamos um levantamento das teses e dissertações disponíveis na Biblioteca Digital da USP e analisamos o Currículo Lattes do corpo docente do PST até 2022. Utilizamos as palavras-chave “comunidade” e “comunitária/o” no campos de título, resumo e assunto na busca das dissertações e teses produzidas nas últimas duas décadas pelo PST-IP-USP. No caso das produções de docentes, especialmente as(os) mais antigas(os), o currículo lattes foi utilizado

---

<sup>1</sup> A Psicologia Social Comunitária (PSC) constitui um amplo campo de estudos e práticas desenvolvidos a partir da crise de referência da psicologia social na América Latina, pós década de 1960, e que possui como características principais: 1) o foco na ideia de comunidade ou de relações comunitárias e 2) uma orientação política para a transformação social.

como recurso inicial para analisar pesquisas e intervenções produzidas, bem como as filiações e conexões institucionais que conformam redes de colaboração. Após a identificação das produções mais relevantes, as obras originais foram selecionadas e analisadas. Isso permitiu traçar uma linha de desenvolvimento de uma tradição que vai da psicologia social tradicional à psicologia social crítica e desta à PSC. Desse modo, foi possível estabelecer três diferentes momentos para apresentação dos resultados diacronicamente. Identificamos também produções circunstanciais que se inserem no campo da psicologia comunitária, porém que não significam pertencimento à tradição de pesquisa, intervenção e formação que estamos buscando demonstrar neste artigo<sup>2</sup>. Nossa tese é que podemos caracterizar adequadamente uma *escola uspiana de psicologia social comunitária*.

Consideramos importante discutir as contribuições da USP para a PSC, pois não se trata apenas da maior universidade pública do país, mas principalmente porque possui uma forte tradição de pesquisa em Psicologia Social. Além disso, recuperar essa história contribuirá para desfazer o equívoco contido na narrativa sobre a chamada “Escola de São Paulo” de psicologia social que, na verdade, trata apenas da história da “Escola da PUC de São Paulo” de psicologia social (Carvalho & Souza, 2010; Baima, 2019). Não há dúvidas quanto à importância da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo para o desenvolvimento da PSC, sobretudo em relação ao trabalho de Silvia Lane. O que talvez seja um problema para o campo é não observar que, em grande medida, as condições de possibilidade da realização de trabalhos acadêmicos politizados nas periferias eram diferentes, no período da ditadura militar, entre instituições públicas – submetidas ao poder estatal – e as instituições confessionais, como a PUC-SP (que, na década de 1970, contava com o apoio e a sensibilidade social de Dom Evaristo Arns, além de outros teólogos da libertação). Como mostra a história, a luta contra a ditadura foi mais proeminente entre estudantes da USP do que entre seus/suas professores/as, enquanto na PUC-SP havia maior possibilidade de engajamento do corpo docente.

Outro aspecto relevante para narrar a tradição da PSC uspiana é o fato de que temos bem documentada a história da disciplina em diferentes estados, como Minas Gerais, Ceará, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro (Vasconcelos, 1984; Gois, 2003; Scarparo, 2007; Lima, 2012). No caso de São Paulo, temos sobretudo a narrativa sobre a escola puquiana. Contudo, pode-se argumentar contra a narrativa de um caso específico de produção no campo da PSC, afirmando que não se deve conferir mais um “rótulo” à PSC (por exemplo: “escola uspiana” ou “escola do Ceará”). Para

---

<sup>2</sup> Para ilustrar esse ponto, encontramos o artigo *The Syntax of Present Day Society and the Building of Community Life*, de autoria do professor Sigmar Malvezzi (PST-IP-USP), publicado no livro *International Community Psychology: communities approaches to contemporary social problems (vol.1)*, organizado por Eduardo Acosta, por ocasião da terceira Conferência Internacional de Psicologia Comunitária realizada em Puebla, México, 2010. Nesta publicação - a única até o momento de Malvezzi sobre comunidades - o autor figura ao lado de autoras importantes do campo da Psicologia Comunitária, tais como: Maritza Montero, Fátima Quintal de Freitas, Esther Wiesenfeld e Christopher Sonn.

nós, no caso da PSC, a referência ao território concreto onde se dão as práticas é fundamental, pois uma comunidade da periferia em São Paulo é diferente de uma favela no Rio de Janeiro que, por sua vez, é diferente de uma comunidade rural no Ceará ou na Bahia. Isso significa que deve haver diferenças e especificidades na prática psicossocial comunitária para que esta realize seu próprio conceito.

Considerando que a PSC configura um campo muito heterogêneo, caracterizado tanto pela produção acadêmica quanto pelo posicionamento ativista frente às injustiças sociais, poderia parecer que, a rigor, não haveria algo como uma “escola de pensamento” nessa disciplina. Trabalhamos aqui com a definição de que toda experiência histórica que ficou conhecida como uma autêntica “escola de pensamento” possui três características: a) constituir um *núcleo duro* liderado por pesquisadores/as renomados/as, a cada geração, no qual reúnem-se estudantes e formam-se discípulos/as; b), deve ter *permanência no tempo*, isto é, uma determinada perenidade que a previna de desaparecer como uma efemeridade; c) é reconhecida por desenvolver conceitos e métodos específicos, refletidos em produção intelectual consistente. Como veremos, essas três características podem ser aplicadas à tradição uspiana – bem como, à tradição puquiiana – de psicologia social desenvolvida e redimensionada por trabalhos comunitários ao longo dos anos. Cabe acrescentar que “fazer escola”, em se tratando de PSC, requer um ingrediente a mais: orientar-se para a emancipação humana, comprometendo-se com as lutas por justiça social<sup>3</sup>.

### **Situando a USP na história da PSC**

Devido ao explícito posicionamento crítico da PSC latino-americana, a historiografia disponível sobre essa disciplina costuma destacar a relação entre o seu desenvolvimento institucional e o contexto sociopolítico da época. Fernando Lacerda Jr. (2010) e Larissa Baima (2019) analisaram como o surgimento e as práticas da disciplina foram marcadas por dois momentos distintos: a luta contra a ditadura militar e pela redemocratização, em seus primórdios, e a resistência ou adaptação frente à ofensiva neoliberal, em tempos mais recentes. Não obstante, nenhum relato sobre essa trajetória parece ser tão completo quanto o de Fátima Quintal de Freitas (2011). Escrito para ser o capítulo sobre a história brasileira da disciplina em uma coletânea que reúne relatos de países da América Latina, o texto de Freitas

---

<sup>3</sup> Dialogamos aqui com a tese de Larissa Baima (2019), que em sua análise histórica verificou uma inflexão política conservadora, um recuo político, da PSC no Brasil. A autora refere-se ao fato de que a disciplina surge de forma contra hegemônica, no seio das lutas populares, porém, quando passa a consolidar-se como uma realidade nos cursos de formação no país, especialmente a partir da década de 2000 em função do crescimento da atuação de psicólogas(os) em políticas públicas, o cenário político neoliberal e a predominância do setor privado na formação acabam por tornar a disciplina isolada e em grande medida desconectada dos anseios revolucionários que caracterizaram seu surgimento na década de 1970. Nossa posição, assim como a da autora, é de que o trabalho historiográfico possa contribuir para recuperar e levar adiante o sentido crítico, revolucionário, cooperativo e solidário do campo da PSC.

apresenta os nomes das pessoas e instituições de destaque, as referências, acontecimentos e movimentos sociais importantes, além de características típicas das práticas em PSC no Brasil em cada em cada momento, entre as décadas de 1960 e 2010. Desse texto de Freitas, consideramos notável a menção que a autora faz ao trabalho de Sylvia Leser de Mello, da USP, em meados da década de 1970. O livro "Psicologia e Profissão em São Paulo" de Leser de Mello contribuiu para a crítica aos modelos clínicos e elitistas da psicologia naquele momento, instigando a busca por modelos alternativos aos consultórios. Assim, os trabalhos de duas "Silvias" (Lane e Leser de Mello) foram importantes para a crítica dos modelos tradicionais de fazer pesquisa e intervenção em psicologia.

A esse reconhecimento do trabalho realizado na USP a partir da década de 1970, devemos acrescentar o fato de que a PSC é frequentemente definida em oposição aos modelos "tradicionais" de psicologia social e que tais modelos foram *desenvolvidos e criticados* no seio da escola uspiana. A USP foi pioneira no campo da psicologia social quando, em 1945, Otto Klineberg, discípulo de Franz Boas, introduziu no curso de Filosofia da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL-USP) essa disciplina. A partir de então, com a autorização para oferta do curso de graduação em psicologia que se efetivaria em 1957, o campo da psicologia social tradicional de vertente estadunidense desenvolveu-se na USP. Inicialmente com Annita de Castilho e Marcondes Cabral e, depois, Dante Moreira Leite, a psicologia social "tradicional" fundamentava-se em teorias estrangeiras, mas não era totalmente alheia à realidade concreta da população brasileira. Exemplo disso é a tese magistral de Moreira Leite, *O Caráter Nacional Brasileiro: história de uma ideologia*.

Na avaliação de Odair Furtado, a obra de Moreira Leite estava completamente inserida na produção da mesma época em Ciências Humanas dentro da universidade, ao mesmo tempo em que se destaca do contexto do que era produzido no campo da Psicologia Social: 'Dante Moreira Leite abre uma senda para a constituição de uma Psicologia Social vinculada ao estudo da realidade brasileira. Elabora seu trabalho no mesmo momento em que se constitui a Sociologia brasileira, com Florestan Fernandes e que se renova o debate e a teoria sobre a literatura brasileira com Antônio Cândido. No entanto, essa perspectiva não se desenvolve na Psicologia Social. Prevalece a importação do modelo experimental norte-americano e do qual, a partir de 1962, Aroldo Rodrigues será o maior representante'. Moreira Leite acreditava que a Psicologia Social brasileira havia surgido mais da transposição de teorias e conhecimentos estrangeiros do que da tentativa de dar conta dos problemas de nossa vida coletiva, ressaltam Schmidt e Neves: 'O que ele buscava, em contraposição às reproduções de tais teorias e conhecimentos, era a constituição de uma ciência enraizada na realidade social brasileira, sem, contudo, deixar de reconhecer a importância de certas teorias e conhecimentos europeus e norte-americanos' (Cytrynowicz, 2014, n.p.).

Embora possam ser considerados representantes de uma forma de psicologia social "tradicional", Annita Cabral e Dante Moreira Leite representam os anteceden-

tes da escola uspiana de PSC. Essa escola surge, de modo incipiente, no mesmo momento e pelo mesmo motivo que todas as outras: o contexto de repressão e pobreza do final da década de 1960 e início de 1970. Para apresentar detalhadamente as pessoas e os trabalhos que constituem essa escola, dividiremos três períodos: *período incipiente*, de 1970 a 1990; *período de consolidação*, de 1990 a 2010; e *período de desenvolvimento*, a partir de 2010. Essa divisão assemelha-se à clássica distinção proposta por Freitas (1996) entre psicologia na comunidade, psicologia da comunidade e psicologia (social) comunitária. No entanto, não utilizamos o referencial da autora como marco teórico em nossa análise, pois o desenvolvimento da escola uspiana possui algumas características específicas que não se enquadram nessa clássica análise do campo.

O primeiro período, entre as décadas de 1970 e 1990, é caracterizado pelo desenvolvimento de pesquisas em psicologia social sobre a situação de vida de mulheres trabalhadoras em comunidades periféricas. As autoras de referência desse período são: Sylvia Leser de Mello, Arakcy Martins Rodrigues e Ecléa Bosi. Dentre os conceitos produzidos, destacam-se a noção de enraizamento e comunidade de destino. O segundo período, entre 1990 e 2010, é caracterizado pela institucionalização da PSC na USP. Os nomes de referência são: Vera Paiva, Leny Sato e José Moura Gonçalves Filho, respectivamente discípulas/o das autoras do período anterior. Os principais conceitos desse período são: cenas sociais, vulnerabilidades e humilhação social. No terceiro período, de 2010 a 2020, aumentam as pesquisas e práticas psicossociais comunitárias na USP, com a criação de disciplinas de graduação e pós, grupos de estudo e projetos de pesquisa coletivos envolvendo docentes em trabalhos com comunidades, a partir de diferentes referenciais. Destacam-se nomes tais como: Bernardo Svartman, Luís Guilherme Galeão-Silva, Gustavo Massola, Mariana Prioli Cordeiro, Alessandro Oliveira dos Santos e Antônio Euzébios Filho.

### **Tabela 1**

*Relação dos trabalhos mais relevantes da escola uspiana, por período*

<b>Ano de publicação</b>	<b>Autoria</b>	<b>Obra</b>
<i>Primeiro período (1970-1990)</i>		
1972	Ecléa Bosi	Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias (Editora Vozes)

1975	Arakcy Martins Rodrigues	Operário, operária: estudo exploratório sobre o operariado industrial da Grande São Paulo (Editora Símbolo)
1988	Sylvia Leser de Mello	Trabalho e sobrevivência: mulheres do campo e da periferia de São Paulo (Editora Ática)

---

*Segundo período (1990-2010)*

1995	José Moura Gonçalves Filho	Passagem para a Vila Joanisa: uma introdução ao problema da humilhação social (Dissertação de mestrado, IPUSP)
2000	Vera Silvia Facciolla Paiva	Fazendo arte com a camisinha: sexualidades jovens em tempos de Aids (Editora Summus)
2006	Leny Sato	Feira livre: organização, trabalho e sociabilidade (Tese de livre docência, IPUSP)

---

*Terceiro período (2010-atual)*

2016	Bernardo Parodi Svartman & Luis Guilherme Galeão da Silva	Comunidade e resistência à humilhação social: desafios para a Psicologia Social Comunitária (Revista Colombiana de Psicologia)
2016	Alessandro Oliveira dos Santos, Gustavo Martineli Massola, Luis Guilherme Galeão da Silva & Bernardo Parodi Svartman	Racismo ambiental e lutas por reconhecimento dos povos da Amazônia (Global Journal of Community Psychology Practice)
2023	Bernardo Parodi Svartman, Antonio Euzébios Filho, Gustavo Martineli Massola, Mariana Prioli Cordeiro, & Alessandro de Oliveira dos Santos	Community Social Psychology Practice: Reflections from Experiences in Brazil (Global Journal of Community Psychology Practice)

---

### **Primeiro período (1970-1990)**

O contexto político do país entre o final da década de 1960 e início da década de 1970 foi marcado pelo recrudescimento da ditadura militar e a intensificação das lutas de resistência. No campo da Psicologia Social (PS) os modelos teóricos tradicionais começavam a entrar em crise na medida em que não acompanhavam as intensas mudanças sociais do período. Na USP, o projeto de PS brasileira capitaneado por Dante Moreira Leite também enfrentava dificuldades. Apoiado nos clássicos estudos sobre obediência à autoridade e influência de grupo, Leite observava nos experimentos realizados na universidade que muitos estudantes possuíam as tendências conformistas identificadas por autores como Asch, Lewin e Milgram. Como afirma Bosi (2003, p. 128): "Dante Moreira Leite repetiu o experimento com a juventude rebelde e negadora de 1971. Encontrou um número ainda maior de conformistas que davam respostas absurdas sob pressão da maioria". No entanto, tais estudos revelam uma preocupação ao mesmo tempo científica e política com o destino da nação e mostra que os experimentos "tradicionais" também perseguiam respostas "críticas".

Em termos institucionais, a Reforma Universitária de 1969 dividiu as unidades acadêmicas dentro da USP, favorecendo, de um lado, o desenvolvimento da disciplina com a criação do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho no Instituto de Psicologia, mas, por outro lado, reduziu drasticamente o intercâmbio com as ciências sociais e filosofia, como acontecia na antiga FFCL. Não obstante a tendência à especialização e predomínio das teorias tradicionais no âmbito da USP, estava presente já no início da década de 1970 um forte interesse pelo estudo das condições de vida da classe trabalhadora em São Paulo. Aos poucos, nas décadas seguintes, a retomada do interesse interdisciplinar iria contribuir para a consolidação de uma PS crítica na USP, especialmente quanto à indissociabilidade da "questão social" e da "questão urbana" para a compreensão e intervenção sobre a realidade das comunidades urbanas e rurais em São Paulo. Os trabalhos de Lúcio Kowarick, Ermínia Maricato e Paul Singer, por exemplo, viriam a ser assimilados de tal modo que constam atualmente como bibliografia básica na disciplina Psicologia Social Comunitária do IP-USP.

Ecléa Bosi foi pioneira de uma Psicologia Social Crítica em seu livro *Cultura de Massas e Cultura Popular*, publicado em 1972. Esta obra é resultado de uma pesquisa empírica com mais de 50 mulheres operárias sobre comunicação de massas. A autora vai muito além de simplesmente constatar a situação de precariedade e dos baixos salários das mulheres operárias e o reflexo de suas condições materiais de vida em suas preferências e hábitos de leitura. Com arguta sensibilidade e compromisso político, Ecléa revela como a cultura popular é uma forma de resistência dos desvalidos à opressão que incide sobre eles enquanto classe trabalhadora. Naquele momento ainda não havia disponível uma reflexão crítica sobre o poten-

cial da “comunidade” como agente da mudança social, por isso a categoria “classe operária” era o foco da análise. A opção por estudar essas mulheres operárias é mais um indicativo do interesse da PS uspiana na *pesquisa* e na *transformação social*. No caso das operárias que leem, essa transformação passaria, na avaliação de Ecléa, pela formação de comunidades de leitores(as): “devemos trabalhar para a sua existência através da formação de bibliotecas de bairro, de paróquia, de fábrica” (Bosi, 1973, p. 169).

Junto à intencionalidade de transformação da comunidade operária através da leitura, Bosi também faz uma contribuição fundamental à comunidade acadêmica da PS quanto aos aspectos ético-políticos do método. A partir de suas incursões no bairro operário, a autora lança uma crítica à pretensão de neutralidade do(a) pesquisador(a) ao introduzir um dos conceitos mais importantes da escola uspiana: o conceito de comunidade de destino. Isso significa que, no trabalho comunitário, não basta apenas ter simpatia para com os setores populares, mas é preciso assumir um compromisso ético, sedimentado na convivência de longo prazo, por meio do qual o(a) pesquisador(a) sofra, de maneira irreversível, sem possibilidade de retorno à antiga condição, o destino dos oprimidos enquanto grupo social.

Esse compromisso com o destino do grupo comunitário solidificou-se na trajetória de Ecléa Bosi em sua pesquisa seguinte, sobre memórias de velhos paulistanos. Em sua principal obra, *Memória e Sociedade*, a autora afirma que uma pesquisa é antes de tudo um compromisso afetivo, “um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa” (Bosi, 2012, p. 38). Por isso afirma com segurança que a pesquisa “se edificou naturalmente ... sobre uma comunidade de destino – o envelhecimento” (p. 38). De fato, as consequências foram muitas: para Marilena Chauí, trata-se de uma tese que é também uma luta pela preservação da memória como fonte de onde jorra a essência da cultura, uma luta pela dignidade da velhice; para João Alexandre Barbosa, a tese de Ecléa, apresentada em 1979, inaugurava uma verdadeira “psicologia do oprimido”, em alusão à obra de Paulo Freire; para a USP, foi o começo da militância de Bosi para a criação da Universidade Aberta à Terceira Idade; para o município de São Paulo, um registro de sua história que levou ao reconhecimento da obra como um dos 100 livros obrigatórios para as bibliotecas das escolas municipais; por fim, para a PSC, ao nosso ver, um trabalho inspirador e de profundidade sobre a força psicossocial e política da memória.

Além disso, no campo dos estudos psicossociais comunitários, especificamente, Bosi seria a responsável por introduzir aquele que talvez seja o conceito mais importante dessa tradição: o conceito de enraizamento. Tomado da obra de Simone Weil, o enraizamento

[...] é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana e uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro (Bosi, 2003, p. 175).

A obra de Ecléa Bosi não foi a única contribuição significativa do período. A pesquisa de Arakcy Martins Rodrigues sobre a situação de vida de mulheres e homens operários pode ser igualmente destacado como mais uma pedra angular. Publicada em livro com o título *Operário, operária: estudo exploratório sobre o operariado industrial na Grande São Paulo*, em 1978<sup>4</sup>, este livro tem a aparência de uma pesquisa tradicional, mas não o é. Trata-se de um estudo qualitativo, realizado por uma pesquisadora versada em métodos quantitativos, cujo objetivo foi estudar o comportamento da mulher operária (os sujeitos homens serviram de base comparativa) em relação ao trabalho, tomando como foco de análise o modo como o indivíduo processa os determinantes sociais. Desse modo, ao focalizar o indivíduo e seus processos cognitivos, o estudo poderia parecer uma análise atomista inserida no âmbito da psicologia do trabalho. Ocorre que Arakcy Martins era antes de tudo uma psicóloga social atenta às contradições sociais de seu tempo, devotada ao povo. Para ela, o indivíduo era tomado como um representante da classe social a que pertence. Em termos metodológicos, a partir da sociologia crítica de Pierre Bourdieu, a autora buscou analisar as trajetórias objetivas das mulheres operárias, debruçando-se sobre o que denominou "conhecimentos de fronteira": as relações homem-mulher, mulher-trabalho, mulher-família, pobreza-riqueza etc.

O fôlego do estudo também é impressionante. Assim como Ecléa Bosi, para quem há que se demorar para conhecer a realidade das comunidades populares, Arakcy Martins também prezava pela amplitude e qualidade da produção dos dados. Desse modo, junto com sua equipe, realizou um levantamento domiciliar, isto é, visitas às unidades familiares para obtenção de dados sobre as famílias, abrangendo 160 domicílios, em 34 bairros diferentes. Entre esses bairros estavam: M'Boi Mirim, Campo Limpo e Pedreira, bairros periféricos da zona sul de São Paulo, onde atualmente Luís Galeão e Bernardo Svartman desenvolvem trabalhos comunitários junto a lideranças e grupos locais.

Se uma característica do pensamento crítico é a capacidade de desvelar os anseios por transformação social em uma dada época a partir dos atores sociais oprimidos, então a pesquisa de Arakcy Martins pode se enquadrar nessa categoria. A postura crítica da autora, que a todo o momento parece estar preocupada com a objetividade científica do estudo, irá transparecer pela própria voz das mulheres entrevistadas e na análise de seus anseios:

Existe uma dimensão que permeia todas as representações dos indivíduos estudados. Eles sabem que fizeram a opção de vida mais

---

<sup>4</sup> Em 1978, Arakcy Martins era professora da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo onde lecionava disciplinas de teoria organizacional com foco na psicologia social e escola sociotécnica. Sua parceria com Peter Spink, então professor na FGV e na USP, foi importante para sua construção de uma perspectiva crítica capaz de articular teoricamente, sem sectarismos, a relação indivíduo-grupo-sociedade. A partir de meados da década de 1980, Arakcy Martins tornou-se docente do PST-IP-USP. Um capítulo em homenagem ao seu pensamento foi publicado na seção "psicologia social e comunidades" do livro *Psicologia Social e a questão do hífen: Programa de Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo*.

honestas, que estão tentando viver dentro das normas mais estritas do trabalho, da boa-vontade e da honestidade. Tudo o mais se organiza em torno de uma postura basicamente moral. Esse aspecto não está aqui ou ali nas configurações que estudamos: imprime seu selo na própria forma de se estruturarem, permeia todas as suas instâncias. As esperanças para o futuro se fundamentam principalmente nessa "verdade básica", que algum dia terá de vir à tona. Se para alguns a revelação será na vida eterna, para outros talvez no ano que vem, se outros apelam para instâncias mais sofisticadas e despregadas de si mesmos, na lógica do seu trabalho ou do sistema, a mensagem é uma só: *isto não pode continuar* (Rodrigues, 1978, pp. 140-141).

O que não pode continuar é a situação de opressão e injustiça. A desvalorização do salário e aumento da pobreza, mesmo com as promessas de crescimento econômico. Assim, ao analisar as condições objetivas de vida da classe operária, a autora registrava também a insatisfação coletiva. Além disso, o olhar da pesquisadora também estava atento às nuances que por vezes ficavam de fora das teorias críticas classistas de esquerda tão em voga naquela época. Ela procurou conhecer a situação específica da mulher no trabalho e verificou como a opressão masculina incidia como um elemento a mais sobre a subjetividade no processo de exploração do trabalho.

Ainda na primeira geração da escola uspiana, caracterizada pela forte pesquisa em psicologia social *interessada na situação de vida das comunidades populares*, a última representante de destaque é a professora Sylvia Leser de Mello, conforme já mencionado acima. O trabalho de Sylvia Leser sempre foi marcado pelo posicionamento crítico, evitando posturas de pretensa neutralidade política. Como pesquisadora e militante da profissão e dos currículos de psicologia em São Paulo, protagonizou debates e reflexões sobre o elitismo da psicologia enquanto profissão liberal, confinada aos consultórios particulares das elites.

Em 1988, fruto de uma tese de livre-docência apresentada em 1985, a autora publica o livro *Trabalho e sobrevivência: mulheres do campo e da periferia de São Paulo*, que seria mais um dos estudos psicossociais sobre as condições de vida das mulheres trabalhadoras produzido pelo IP-USP. No caso de Sylvia, diferente de suas colegas, o interesse pelos processos de socialização e as relações familiares era mais profundo. Ao coletar os depoimentos de dez mulheres pobres da Vila Helena, em São Paulo, Sylvia foi capaz de entrelaçar analiticamente diferentes dimensões da vida – migração, casamento, maternidade, sociabilidade – com a categoria "trabalho" produzindo um conhecimento que era também respeitoso aprendido. Esse aprendizado fora transmitido na formação crítica e ética de seus alunos, bem como em sua atuação política. Não por acaso, no prefácio do livro, Paulo Freire celebra a lealdade e abertura de Sylvia Leser para com o outro enquanto exercício ético de respeito à alteridade.

O compromisso de Sylvia Leser permaneceu nas décadas seguintes, sobretudo em sua atuação acadêmica-institucional. No IP-USP, criou o Laboratório de

Estudos da Família, Relações de Gênero e Sexualidade (LEFAM), o qual viria a abrigar o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Prevenção à AIDS (NEPAIDS), coordenado pela professora Vera Paiva – expoente do segundo período da escola uspiana, como veremos a seguir. Com Paul Singer, seu parceiro de estudos e lutas, atuou dentro da USP no campo da Economia Solidária, colaborando para a criação da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP), em 1998. Nessa direção, fundou também o Núcleo de Economia Solidária (NESOL) da USP, onde são desenvolvidas pesquisas e intervenções com foco na autogestão do trabalho por grupos de comunidades populares.

Em síntese, estamos chamando de primeiro período/geração da escola uspiana de PSC os destacados trabalhos de Ecléa Bosi, Arakcy Martins e Sylvia Leser no campo da PS durante as décadas de 1970 e 1990 no Instituto de Psicologia da USP. Até hoje a história sobre a PS desse período costuma ser narrada principalmente a partir do importante trabalho desenvolvido por Silvia Lane na PUC-SP em sua crítica ao positivismo da PS tradicional. Contudo, nosso argumento aqui consiste em mostrar que se, por um lado, a escola uspiana não se enquadrava exatamente no mesmo movimento de crítica marxista de Lane, por outro lado tampouco se resumia à replicar teorias norte-americanas alheias à realidade social e política brasileira. Ao contrário, como vimos, os trabalhos das três autoras são exemplos de uma PS crítica, comprometida com o destino das classes populares, principalmente com o destino das *mulheres* trabalhadoras, além de um profundo compromisso com o desenvolvimento de uma ciência rigorosa e, ao mesmo tempo, ética e politicamente sensível e coerente. O grande diferencial, ao nosso ver, da tradição uspiana para as demais, é a ênfase na pesquisa de campo. A tradição uspiana de pesquisa empírica é, paradoxalmente, o motor que leva suas pesquisadoras para fora dos muros da universidade e, ao mesmo tempo, o que a torna, por vezes, autocentrada no mundo da ciência e distante da dinâmica dos movimentos sociais.

### **Segundo período (1990-2010)**

O segundo período/geração é representado por nomes que descendem academicamente das três expoentes do período anterior. A relação de filiação não representa, necessariamente, dogmatismo. Trata-se de uma característica da forma de reprodução da comunidade científica, que possui seus rituais, mestres e aprendizes. Desse modo, não é surpreendente que pesquisadoras mais experientes consigam congregar ao seu redor discípulos promissores que, eventualmente, poderão substituí-las e levar adiante um certo legado. No caso da escola uspiana, destacam-se: José Moura Gonçalves Filho, discípulo de Ecléa Bosi; Vera Paiva, discípula de Sylvia Leser; e Leny Sato, discípula de Arakcy Martins.

José Moura Gonçalves Filho realizou pesquisa participante por cerca de uma década junto com mulheres de um centro comunitário na Vila Joanisa, periferia de São Paulo. O estudo teve como objetivo analisar o problema da humilhação social

enquanto questão simultaneamente política e psicológica. Esse conceito foi definido como uma modalidade de angústia disparada pelo enigma da situação de dominação. Trata-se de um conceito contemporâneo à ideia de sofrimento ético-político, desenvolvida por Bader Sawaia, na escola puquiana. Ambos os conceitos buscam analisar a dimensão dos afetos nas situações de dominação política. Gonçalves Filho visitou regularmente a Vila Joanisa durante 17 anos, onde construiu laços de amizade duradoura e desenvolveu uma compreensão de comunidade como forma de vida ética que possibilita elaborar a humilhação social.

É importante lembrar que esses estudos foram realizados no contexto da redemocratização do país, no qual havia forte esperança associada à conquista dos direitos de cidadania e, ao mesmo tempo, grande preocupação com os efeitos dos processos de "exclusão social". Assim, para Gonçalves Filho, herdeiro da pesquisa ética de Ecléa Bosi, a formação de uma comunidade de destino com as mulheres da Vila Joanisa foi mais do que uma simples etapa de formação acadêmica: tornou-se um compromisso para a vida. Esse compromisso materializou-se, por exemplo, quando o autor, já como docente de Psicologia Social do IP-USP, instituiu uma atividade prática na disciplina de graduação que exigia da turma o exercício de abertura para a alteridade das classes trabalhadoras subalternas. Em 2014, a atividade foi aperfeiçoada, a partir de apontamentos de estudantes oriundos de políticas de ações afirmativas, passando a ocorrer junto a comunidades em diferentes territórios da cidade, nos quais os(as) docentes possuem vínculos com lideranças locais.

Outra professora de psicologia social que atua no campo comunitário é Vera Paiva. Interessada, sobretudo, nos estudos psicossociais de prevenção e promoção da saúde, enfrentamento às vulnerabilidades e combate à violência de gênero, Paiva é reconhecida por seu trabalho de décadas na favela de Heliópolis, a maior da capital paulista. Sua parceria com lideranças comunitárias possibilitou o desenvolvimento de pesquisas junto a jovens em escolas públicas da região. Dentre as pesquisas desenvolvidas, destaca-se a que foi publicada no livro *Fazendo arte com camisinha: sexualidades jovens em tempos de Aids*, pela editora Summus, no ano 2000. A obra é resultado dos trabalhos da autora à frente do NEPAIDS desde 1990, mas remonta às preocupações pessoais com o tema desde 1984, além de configurar uma síntese das experiências como ativista e pesquisadora comprometida com o bem-estar e a cidadania de toda a população, especialmente os grupos mais vulneráveis, na perspectiva da saúde coletiva. Assim como outras autoras pioneiras da PSC latino-americana, Paiva critica explicitamente a insuficiência do modelo biomédico para a psicologia, optando por desenvolver uma abordagem interventiva psicossocial crítica.

Dentre os conceitos mais promissores desenvolvidos pelo incansável trabalho de pesquisadora de Vera Paiva, podemos destacar dois: o conceito plural de *vulnerabilidades* e o conceito metodológico de *cejas sociais*. No caso do primeiro,

a autora irá desenvolver uma concepção ampla de vulnerabilidade, destacando três dimensões: pessoal, que concerne à pessoa concreta (por exemplo, uma mulher); social, pois sempre há uma trama de relações que torna a vulnerabilidade circunscrita a uma determinada situação social; e programática, pois as vulnerabilidades pessoal ou social serão maiores ou menores a depender da presença ou ausência de um programa institucional, isto é, uma resposta institucional de assistência que reconheça os direitos de cidadania dos indivíduos e grupos envolvidos. No caso do segundo conceito, as cenas aparecem como uma metodologia que permite desvelar e reconstruir determinadas situações de risco – por exemplo, uma cena sexual. Desse modo, o uso das cenas como unidade analítica, articulada com episódios mais amplos, permite operar metodologicamente tanto na interpretação dos acontecimentos, quanto na intervenção mediante dramatização das cenas - na perspectiva do psicodrama ou teatro do oprimido, por exemplo – para a mobilização da consciência de um determinado grupo.

Esse referencial desenvolvido por Paiva pode ser ilustrado pelo trabalho realizado junto a outro docente representante da escola uspiana, mas da terceira geração, Alessandro de Oliveira dos Santos. A partir da metodologia das cenas, Santos atuou numa pesquisa-intervenção junto a dez comunidades anfitriãs do turismo no Vale do Ribeira, em São Paulo (Santos & Paiva, 2007). Essa experiência envolveu dezenas de grupos reflexivos, entrevistas e cenas dramatizadas como forma de prevenção ao risco do HIV. Alguns anos depois, já como professor do IP-USP, Santos coordenou, junto com outros docentes, um amplo projeto de pesquisa e intervenção no mesmo território, demonstrando não apenas a permanência do vínculo estabelecido, mas do compromisso político com as comunidades.

Por fim, a terceira representante desse período é Leny Sato, também professora do IP-USP. No caso de Sato, seria mais adequado situá-la no campo de estudos da psicologia social do trabalho. Por outro lado, seria inadequado apartar a PSC do interesse pelos processos de trabalho. Se o *lócus* comunitário é distinto daquele da produção, a condição do sujeito do trabalho no capitalismo repercute igualmente em ambos. Os estudos sociológicos atuais sobre as lutas das décadas de 1970 e 1980 mostram que as insatisfações partiam dos bairros e inflamavam os sindicatos nas fábricas, o que por sua vez estimulava a organização de base nos territórios periféricos.

Mesmo assim, temos que reconhecer que o trabalho de Sato – e outros nomes ligados à psicologia social do trabalho no IP-USP – desenvolveu-se por uma via autônoma e paralela aos estudos e intervenções em comunidades. No entanto, o pioneirismo da autora ao utilizar a etnometodologia de Garfinkel (Sato, 2001) e sua pesquisa sobre a feira livre como espaço de trabalho e sociabilidade (Sato, 2012) podem ser consideradas contribuições indiretas da escola uspiana para o campo da PSC.

Podemos então considerar que a segunda geração da escola uspiana repre-

senta um momento de dupla ação: por um lado, trata-se da continuidade e consolidação das bases estabelecidas pela primeira geração, no âmbito da pesquisa em psicologia social, ainda que os temas de estudos e os aportes metodológicos sejam diferentes; por outro lado, trata-se de uma geração que acompanha as mudanças sociais e políticas de uma época de transição, não mais sob o jugo repressivo dos governos militares, de modo que a produção do período é marcada tanto pelos anseios de democratização e cidadania, quando pela formação ética de estudantes comprometidos com esses valores. Como veremos, a geração seguinte, mesmo não sendo totalmente oriunda da IP-USP, carrega consigo esses mesmos valores democráticos. Ainda que atue num espectro mais abrangente de temas, métodos e teorias, a terceira (e atual) geração aplica com frequência, em seus trabalhos, a denominação "comunitária", o que nos permite sustentar a tese desenvolvida até agora neste artigo.

### **Terceiro período (2010 - atual)**

O terceiro e atual período acompanha as mudanças ocorridas no campo das políticas sociais na primeira década deste século, especialmente o crescimento do interesse pela PSC enquanto instrumental para atuação da psicóloga em políticas territorializadas. Outro fator importante é a ampliação e renovação do quadro docente no PST-IP-USP, possibilitando a introdução e desenvolvimento de áreas de estudos até então inexistentes ou pouco desenvolvidas, tais como: intercultura e relações étnico-raciais, psicologia ambiental e políticas sociais.

Como já mencionado, a partir de 2011, foi criada a disciplina de PSC na graduação e, a partir de 2013, duas disciplinas no âmbito da pós-graduação. Os docentes à frente dessas disciplinas são: Bernardo Parodi Svartman, Luís Guilherme Galeão-Silva, Gustavo Martineli Massola, Alessandro de Oliveira dos Santos e, mais recentemente, Antônio Euzébios Filho. Também é possível incluir os trabalhos de Mariana Prioli Cordeiro nesse rol da PSC. Outro fator importante foi a criação, em 2018, de dois laboratórios de estudos que abarcam práticas psicossociais comunitárias: o Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho, Movimentos Sociais e Políticas Sociais (TraMPoS) e o Laboratório de Estudos sobre Intersubjetividade, Crítica Social e Direitos Humanos (InCiDir). Esse conjunto de novos docentes e, conseqüentemente, o trabalho que vêm desenvolvendo junto aos seus grupos e laboratórios, caracteriza a PSC uspiana atual e aponta horizontes da disciplina na instituição.

Realizamos um recorte da produção em andamento e destacamos três artigos representativos. O primeiro foi publicado por Svartman e Galeão-Silva (2016) e é explicitamente orientado pela obra de Gonçalves Filho sobre humilhação social. No argumento dos autores, a ideia de comunidade pode ser definida em três sentidos: a) como um horizonte ético de convivência; b) como espaço coletivo de elaboração do sofrimento da humilhação social; c) como orientação utópica de

crítica e transformação social. Os “sentidos de comunidade”, assim definidos, atestam a originalidade teórica da escola uspiana na medida em que ao mesmo tempo insere-se e diferencia-se das definições usuais disponíveis na literatura.

O segundo articula noções importantes para a escola uspiana de PSC: perspectiva antirracista, justiça ambiental e a teoria crítica das lutas por reconhecimento (Santos et al., 2016). Os autores analisaram as lutas por reconhecimento de direitos territoriais e pelo manejo de princípios ativos (tais como: água, gás natural, pedras preciosas, entre outros) por comunidades tradicionais da Amazônia (indígenas, ribeirinhos, quilombolas), sob a perspectiva crítica do racismo ambiental.

Já o terceiro artigo, publicado no *Global Journal of Community Psychology Practice*, em 2023, problematiza diretamente a aplicação do conceito de comunidade e a práxis psicossocial comunitária desde a realidade concreta. A proposta do texto consiste em reunir diferentes relatos de pesquisa empírica, em torno de uma mesma discussão teórica, suficientemente abrangente para reposicionar a compreensão do conceito de comunidade. A partir dessa discussão, o grupo propõe compreender o conceito de comunidade observando quatro dimensões interconectadas: 1) as interações e laços dos grupos sociais; 2) seus potenciais de ação; 3) sua experiência com um determinado território; e 4) as articulações entre a história interna e externa dos grupos sociais. Para sustentar esse argumento, são apresentados três estudos caso relatando resultados de pesquisa e intervenção em diferentes comunidades brasileiras (Svartman et al., 2023).

Os artigos selecionados se destacam em meio à vasta produção atual do IP-USP porque explicitam as contribuições da escola uspiana para o campo psicossocial comunitário. No bojo dessas produções entremeiam-se as psicologias social, comunitária, ambiental, antirracista e as epistemologias críticas. Essa é a diferença marcante entre a terceira geração em relação às anteriores: transcender os limites da PS, sem abandonar a tradição uspiana da pesquisa empírica, em direção a formas heterogêneas de psicologia crítica vinculadas ao compromisso com a produção de conhecimento e intervenção transformadora em, com e para comunidades.

Outros trabalhos junto a comunidades que se destacam são as atividades da Escola de Cidadania, um projeto de extensão universitária coordenador por Bernardo Svartman, em parceria com lideranças comunitárias do bairro Pedreira, na zona Sul de São Paulo. Também na zona Sul, mas em outro distrito, destaca-se a participação de Luís Galeão junto aos movimentos que compõem o Fórum em Defesa da Vida, no Jardim Ângela. Outros trabalhos também vinculados à perspectiva psicossocial comunitária são as pesquisas acerca da política de assistência social, levadas a cabo por Mariana Prioli, e os estudos sobre o trauma psicopolítico, fundamentados na Psicologia da Libertação de Martin-Baró, desenvolvidos por Antônio Euzébio Filho.

Em síntese, podemos afirmar que a terceira geração mantém viva a tradição uspiana *stricto sensu* de pesquisa psicossocial com comunidades, ao mesmo tempo

em que vai além da herança obtida, propondo novas perspectivas e caminhos a serem trilhados neste campo. Como indicativo dessa tendência encontramos, em levantamento bibliográfico (realizado em 2019), 32 pesquisas empíricas, sendo 16 teses de doutoramento e 16 dissertações de mestrado que continham as palavras “comunidade” e “comunitário” como termo chave ou categoria fundamental no resumo, disponíveis no acervo do programa de Psicologia Social do IP-USP na Biblioteca Digital da USP (conferir anexo). São trabalhos desenvolvidos entre 2003 e 2019, com nítido crescimento nos últimos anos (50% do total concentram-se últimos cinco anos). Isso não apenas reforça a percepção de que a escola uspiana vem contribuindo com o campo da psicologia comunitária, mas que se trata de um campo em expansão, especialmente devido ao interesse de mestrandos(as) e doutorandos(as) em temáticas de pesquisa que envolvam também as comunidades como protagonistas de processos de transformação social.

## Tabela 2

*Linha evolutiva da escola uspiana, formação e tempo de atuação, por período*

<b>Nome</b>	<b>Forma- ção</b>	<b>Douto- rado</b>	<b>Orientador(a)</b>	<b>Docente na USP</b>
<i>Primeiro período</i>				
Ecléa Bosi	1966 FFCL- USP	1971 PST-IP- USP	Dante Moreira Leite	1967- 2017
Arakcy Martins Rodrigues	1959 FFCL- USP	1973 FSP- USP	Cândido Procópio Ferreira de Camargo	1986- 2001
Sylvia Leser de Mello	1961 FFCL- USP	1972 PST-IP- USP	Carolina Martuscelli Bori	1961- 2020
<i>Segundo período</i>				
José Moura Gonçalves Filho	1986 IP-USP	1999 PST-IP- USP	Ecléa Bosi	1995- atual
Vera Silvia Facciolla Paiva	1977 IP-USP	1996 PST-IP- USP	Sylvia Leser de Mello	1988- atual

Leny Sato		1982 IP-USP	1998 PST-IP- USP	Arakcy Martins Rodrigues	1995- atual
<i>Terceiro período</i>					
Bernardo Svartman	Parodi	2000 IP-USP	2010 PST-IP- USP	José M. Gonçalves Filho	2011- atual
Luis G. Silva	Galeão da	1995 IP-USP	2007 PSO- PUC-SP	José Leon Crochík	2009- atual
Gustavo Massola	Martineli	1997 IP-USP	2005 PST-IP- USP	Eda T. de O. Tassara	2011- atual
Alessandro de O. Santos	dos	1995 PUC-SP	2004 PSA-IP- USP	Ronilda Iyakemi Ribeiro	2010- atual
Mariana Prioli Cordeiro		2003 UEL-PR	2012 PSO- PUC-SP	Mary Jane Paris Spink	2015- atual
Antonio Euzébios Filho	Fi-	2005 PUC- CAMP	2010 PSI- PUC- CAMP	Raquel S. L. Guzzo	2018- atual

### Conclusão

Considerando a pergunta inicial sobre quais seriam as possíveis contribuições da USP para a PSC brasileira, após a realização de nossa pesquisa, podemos concluir que tais contribuições existem e são abundantes. Conforme vimos, em primeiro lugar, trata-se de uma longa tradição, que remete diretamente à fundação da PS como disciplina científica no Brasil. Mas, alinhada ao espírito da época, mesmo com as restrições impostas pelo regime militar às universidades públicas, o IP-USP produziu uma geração pioneira no campo psicossocial crítico a partir dos trabalhos de Bosi, Martins e Leser de Mello. Essa primeira geração produziu pesquisas críticas sobre a condição da classe trabalhadora, em particular das mulheres, entre as décadas de 1970 e 1990. É importante destacar que aqui estamos considerando enquanto “comunitária” uma tradição que, naquela época, diferentemente da es-

cola puquiãna, não reivindicou essa nomenclatura. No entanto, optamos por não a tomar como um fenômeno à parte, pois, na realidade, foi nessa primeira geração que alguns conceitos fundamentais foram propostos e desenvolvidos, tais como os conceitos de comunidade de destino e enraizamento.

No caso da segunda geração, ainda que a nomenclatura "comunitária" também não tenha sido amplamente reivindicada, é evidente a inserção dos trabalhos realizados por Gonçalves Filho, Paiva e Sato nesse campo. Em nosso entendimento, essa segunda geração iria estabelecer as bases para a formação da terceira, explicitamente situada no campo psicossocial comunitário. Essa terceira geração, que nos é contemporânea, está ainda a pleno vapor desenvolvendo suas contribuições para a PSC brasileira.

Por fim, concluímos que o resgate da memória da PSC uspiana lança luz sobre a historiografia disponível sobre a disciplina no Brasil, revelando uma vasta colaboração que, paradoxalmente, pouco foi notada até agora. Esperamos que nosso trabalho colabore para dirimir essa lacuna e estimule revisões ainda mais integradoras da literatura sobre a PSC em outros centros de pesquisa e intervenção do estado de São Paulo e do Brasil.

### Referências

- Arendt, R. J. J. (1997). Psicologia comunitária: teoria e metodologia. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 10(1), 1-8. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721997000100003>
- Baima, L. S. (2019). *Psicologia e luta de classes no Brasil: uma análise histórica da inflexão política da Psicologia Comunitária*. [Tese de Doutorado em Psicologia] Repositório Institucional PUC-Campinas. <http://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/xmlui/handle/123456789/15579>
- Baima, L. S. (2015). *Limites e possibilidades na contribuição para a mudança social: uma avaliação da formação em Psicologia Social Comunitária no Brasil*. [Dissertação de Mestrado em Psicologia] Repositório Institucional PUC-Campinas. <http://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/15922>
- Bosi, E. (1973). *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. Vozes.
- Bosi, E. (2003). *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*. Ateliê Editorial.
- Bosi, E. (2012). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. Companhia das Letras.
- Carvalho, B. P., & Souza, T. M. S. (2010). A "escola de São Paulo" de psicologia social: apontamentos históricos. *Psicologia em Estudo*, 15(4), 713-721. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722010000400007>

- Cytrynowicz, M. M. (2014). A psicologia social e o social na psicologia: apontamentos históricos. *História e memória da psicologia em SP* [recurso digital]. Disponível em: <http://www.crsp.org.br/memoria/social/artigo.aspx>
- Freitas, M. F. Q. (1996). Psicologia na comunidade, psicologia da comunidade e psicologia (social) comunitária: práticas da psicologia em comunidades nas décadas de 1960 a 1990. In R. H. F. Campos (Org.), *Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia* (pp. 44-65). Vozes.
- Freitas, M. F. Q. (2011). Construcción y consolidación de la psicología social comunitaria en Brasil: conocimientos, prácticas y perspectivas. In M. Montero & I. Serrano-García (Orgs.), *Historias de la psicología comunitaria en América Latina: participación y transformación* (pp. 115-138). Paidós.
- Gois, C. W. L. (2003). *Psicologia comunitária no Ceará: uma caminhada*. Fortaleza. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/42539>.
- Gonçalves, M. A., & Portugal, F. T. (2016). Análise histórica da psicologia social comunitária no Brasil. *Psicologia & Sociedade*, 28(3), 562-571. <https://doi.org/10.1590/1807-03102016v28n3p562>
- Lacerda Jr., F. (2010). Notas sobre o desenvolvimento da psicologia social comunitária. In F. Lacerda Jr. & R. S. L. Guzzo (Orgs.), *Psicologia & sociedade: interfaces no debate sobre a questão social* (pp. 19-41). Alínea.
- Lane, S. T. M. (1996). Histórico e fundamentos da psicologia comunitária no Brasil. In R. H. F. Campos (Org.), *Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia* (pp. 15-28). Vozes.
- Lima, R. S. (2012). A psicologia comunitária no Rio de Janeiro entre 1960 e 1990. *Psicologia: Ciência & Profissão*, 32 (num. esp.), 154-165. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932012000500011>
- Rodrigues, A. M. (1978). *Operário, operária: estudo exploratório sobre o operariado na Grande São Paulo*. Edições Símbolo.
- Santos, A. O., & Paiva, V. (2007). Vulnerabilidade ao HIV: turismo e uso de álcool e outras drogas. *Revista Saúde Pública*, 41(2), 80-86. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102007000900013>
- Sato, L. (2012). *Feira livre: organização, trabalho e sociabilidade*. Edusp.
- Sato, L. (2001). Processos organizativos cotidianos e corriqueiros: a leitura da etnometodologia. *Psicologia & Sociedade*, 13(2), 129-151.
- Scarparo, H. B. K., & Guareschi, N. M. F. (2007). Psicologia Social Comunitária e formação profissional. *Psicologia & Sociedade*, 19(esp. 2), 100-108. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000500025>

Svartman, B. P., Euzébios Filho, A., Massola, G. M., Cordeiro, M. P., & Santos, A. O. (2023). Community Social Psychology Practices: reflections from experiences in Brazil. *Global Journal of Community Psychology Practice*, 14(1), 1-15.

Svartman, B. P., & Galeão-Silva, L. G. (2016). Comunidade e resistência à humilhação social: desafios para a psicologia social comunitária. *Revista Colombiana de Psicología*, 25(2), 331-349. <http://dx.doi.org/10.15446/rcp.v25n2.51980>

Vasconcelos, E. M. (1984). *O que é psicologia comunitária*. Brasiliense.

### **Nota sobre o autor:**

José Fernando Andrade Costa é doutor em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP). Prof. adjunto da área de Psicologia no Departamento de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Estadual de Feira de Santana (DCHF-UEFS). E-mail: [josefernando.ac@hotmail.com](mailto:josefernando.ac@hotmail.com)

**Data de submissão:** 23.05.2023

**Data de aceite:** 28.02.2024

**Apêndice  
Anexo A**

**Tabela A1**

*Pesquisas empíricas produzidas no PPG de Psicologia Social do IP-USP, a respeito de comunidades e/ou processos comunitários, entre 2003 e 2019.*

<b>Ano</b>	<b>Autoria</b>	<b>Título</b>	<b>Orientador(a)</b>	<b>Tipo</b>
2003	Iolanda Maria Alves Évora	(Des)atando nós, (re)fazendo laços: aspectos psicossociais da migração feminina cabo-verdiana na Itália	Sylvia Leser de Mello	Tese de doutorado
2005	Carmen Beatriz Rodrigues Fabriani	Cultura de segurança versus cultura de risco: estudo psicossocial sobre o olhar e a possibilidade de captação de informações ambientais	Eda Terezinha de Oliveira Tassara	Tese de doutorado
2008	Allan Saffiotti	Crise e transformação: um estudo sobre a experiência de alunos de baixa renda num cursinho popular	José Moura Gonçalves Filho	Dissertação de mestrado
2008	Amanda Fernandes	Projeto Antimanicomial: um ensaio sobre a saúde mental no cotidiano da vida	Eda Terezinha de Oliveira Tassara	Dissertação de mestrado
2008	Liandra Ribeiro	Projetos de cidadania: uma leitura de iniciativas de participação social em favela paulista	Paulo de Salles Oliveira	Dissertação de mestrado
2008	Carolina Bratfisch Prado de Souza	Configurações organizativas na busca por melhores condições de vida: o centro de educação popular, das reivindicações ao atendimento.	Leny Sato	Dissertação de mestrado

---

2009	Andrea Siomara de Siqueira	Música e vida social: sentidos do festival de inverno de Campos de Jordão para músicos da comunidade local	Arley Andriolo	Dissertação de mestrado
2010	Marcelo Gustavo Aguilar Calegare	Contribuições da Psicologia Social ao estudo de uma comunidade ribeirinha no Alto Solimões: redes comunitárias e identidades coletivas	Nelson da Silva Júnior	Tese de doutorado
2010	Marilucia Melo Meireles	Os "bobos" na tradição da cultura da cidade de Goiás: enigmas e silêncios sobre um tipo característico de figura do povo	Eda Terezinha de Oliveira Tassara	Tese de doutorado
2011	Neuber Fernandes Nascimento	A cidade lembrada: um estudo sobre a memória subjetiva e social	Sueli Damergian	Tese de doutorado
2012	Eliane Silvia Costa	Racismo, política pública e modos de subjetivação em um quilombo do Vale do Ribeira	Ianni Regia Scarcelli	Tese de doutorado
2013	Andréa Mataresi	Histórias que o rio traz - reflexões sobre o enraizamento em uma comunidade ribeirinha da Amazônia	Bernardo Parodi Svartman	Dissertação de mestrado
2013	Rebeca Roysen	Ecovilas e a construção de uma cultura alternativa	Paulo de Salles Oliveira	Dissertação de mestrado
2014	Cleide Pivott	A construção compartilhada de um plano de turismo para Monteiro Lobato, SP: a sustentabilidade como horizonte	Eda Terezinha de Oliveira Tassara	Tese de doutorado

---

---

2014	Márcio Dionizio Inácio	Território e vulnerabilidade: relatos de exceções, irregularidades e táticas vividias na não-cidade	Belinda Piltcher Haber Mandelbaum	Disserta- ção de mestrado
2014	João Victor de Souza Reis	Onde está o pai? O lugar do homem em famílias "matrifocais" pobres na cidade de São Paulo	Belinda Piltcher Haber Mandelbaum	Disserta- ção de mestrado
2015	Elise Mason Albejante	Relação entre ser humano e meio ambiente: uma análise do enraiza- mento/desenraizamento na comunidade São Remo	Gustavo Martineli Massola	Disserta- ção de mestrado
2015	Lívea Pires Martins de Oliveira	Crianças que bailam na floresta: avaliação psicológica das crianças participantes da Doutrina do Santo Daime residentes na Vila Céu do Mapiá, Pauini/AM	Wellington Zangari	Tese de doutorado
2016	Saulo Lüders Fernandes	Itinerários terapêuticos e política pública de saúde em uma comunidade quilombola do agreste de Alagoas, Brasil	Alessandro de Oliveira dos Santos	Tese de doutorado
2016	Elisângela Barboza Fernandes	A adolescência e a problemática da separação: do espaço familiar ao espaço social	Maria Inês Assumpção Fernandes	Tese de doutorado
2016	Tatiana Dimov	Participação de usuários da saúde mental em pesquisa: a trajetória de uma associação de usuários	Sylvia Leser de Mello e Rosana Teresa Onocko Campos	Tese de doutorado
2016	Solange Struwka	Da resistência à luta pela visibilidade: um estudo sobre o modo de vida de jovens de comunidades faxinalenses	Bernardo Parodi Svartman	Disserta- ção de mestrado

---

---

2016	Danilo de Carvalho Silva	Psicologia comunitária e movimentos sociais: juventude, participação política e enfrentamento de formas de desenraizamento em Comunas do MST	Bernardo Parodi Svartman	Dissertação de mestrado
2017	Thales Epov Simões	O significado da síndrome de burnout no discurso do sujeito coletivo de religiosos de uma instituição eclesial de vida ativa	Esdras Guerreiro Vasconcelos	Dissertação de mestrado
2017	Cecilia Maria Valentim Teixeira Coelho	A experiência estética tecida pelo canto no processo social: sensibilidade, tempo e pertencimento	Arley Andriolo	Dissertação de mestrado
2017	Julia Malvezzi	Memória da saúde mental no M'Boi Mirim: contribuições para a proteção do direito à saúde	Fábio de Oliveira	Dissertação de mestrado
2017	Luiz Otavio de Santi	Espaços da memória: uma intervenção videofotográfica como forma de pesquisa com moradores de São Luiz do Paraitinga	Belinda Piltcher Haber Mandelbaum	Tese de doutorado
2017	Douglas Cardoso da Silva	Participação vazia: formação, traços e resultados. Um estudo de psicologia social sobre o Programa Minha Casa Minha Vida	José Moura Gonçalves Filho	Dissertação de mestrado
2018	Valeria Nanci Silva	A promoção da saúde sexual e reprodutiva no ensino médio: os desafios do cenário de escolas que atendem comunidades quilombolas	Vera Silvia Facciolla Paiva	Tese de doutorado

---

2019	Solange Struwka	A formação da personalidade em camponeses que fazem o uso comum da terra	Bernardo Parodi Svartman	Tese de doutorado
2019	Lucila de Jesus Mello Gonçalves	O campo e o capim: investigações sobre o sonhar nos Kamaiurá	Joao Augusto Frayze Pereira	Tese de doutorado
2019	Carlos Eduardo Mendes	Conflitos sociais mediados nas narrativas de futuro para jovens negras residentes nas periferias de São Paulo e de Goiânia	Luís Guilherme Galeão da Silva	Tese de doutorado

---